

OH! MUNDO!

Por: José Manuel Queimado.

— O tempo não pára e encontramos-nos quase às portas do ano DOIS MIL!!! — Até este momento, quantos factos notáveis se têm dado, ora de assombro, ora de tristeza e luto, ora de glória e alegria, ora de maravilhosas revelações da inteligência humana, quer na ciência, nas letras e nas artes, e até na maravilhosa conquista do espaço, em que o homem nos aparece como um astro luminoso, dando luz aos escuros que a Natureza ainda teima em esconder-lhe.

E tudo isto, é indubitavelmente certo que se criou no cérebro humano para um mundo melhor, perfeito e feliz, e em que toda a humanidade detivesse um lugar ao sol, pleno de calor e vida, mais suave e tranquilo, sem nuvens nem tempestades.

— Era a suprema felicidade do homem na Terra, se todos estes anseios houvessem tido a realidade desejada!

Infelizmente não se constatou ainda, nem equilíbrio nem perfeição, pois que à face da ingratição dos deuses, todos es-

tes anseios do homem, se têm desmoronado e perdido no abismo da confusão e da desordem. E então, temos que concluir que todo o mal de que o mundo enferma neste evoluir do fim do Século XX, não é mais do que a ausência do bem, do que a ausência do sentimento honesto do homem para com o homem, da ausência de bondade contra o crime, da ausência de compreensão da humanidade pelo bem de si própria, ao criar guerras, ao incendiar cidades matando inocentes, ao violar a propriedade privada, ao raptar homens de reconhecido valor pessoal e social, ao assassinar à bomba pessoas de alta personalidade e à frente de altos cargos de segurança das nações e ainda muitas outras manifestações da decadência mental das multidões.

E agora, em face de tanta miséria moral, salvo as milhentas excepções, que podemos dizer mais que ponha em relevo e vincado na tela sangrenta deste maltratado mundo, a triste odisséia por que está passando?!...

— Mais nada, já basta o que está dito!

Todavia, nem tudo está perdido ainda. Vê-se lá ao longe, uma nesga que brilha límpida e silenciosa no perfil do horizonte a denunciar um caminho, o caminho do bem, o caminho da fé e da esperança tendo como destino a união dos homens num amplexo de amor e bondade.

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

Imprensa Regional

Jornal do Sul em grande dificuldade

Embora sem prejuízo monetário para os assinantes porque estes fazem a sua assinatura em relação apenas aos números publicados, este Jornal viu-se na necessidade de mais uma vez interromper a publicação privando os seus leitores de o lerem, no passado mês de Janeiro.

Apesar de toda a boa vontade dos seus assinantes este Jornal não pode viver só das assinaturas; necessita e muito, da PUBLICIDADE.

Até os grandes Diários, que têm uma publicidade que consideramos fabulosa, até esses, para mais segura sobrevivência resolveram agora aumentar em mais de 65% o preço de venda dos mesmos.

E, nós que à escala nacional, somos considerados da pequena Imprensa e que não nos é facultada publicidade, como poderemos sobreviver?

Até mesmo aquela publicidade oficial que em todos os distritos é facultada aos jornais dessas regiões, pois até essa nos continua a ser negada.

No entanto, e como na primeira hora, nós continuamos a servir e defender o Ideal «Deus, Pátria e Família».

Ainda ultimamente, mais uma vez se repetiu um caso que muito nos chocou.

Pois que, tendo nós feito por iniciativa própria toda a Campanha de apoio ao Governo, a própria A. N. P. nos deixou no esquecimento e foi dar a ganhar muitos milhares de escudos a Jornais que a combatiam.

Não percebemos a finalidade, mas com esse dinheiro mais os ajudaram a viver e a combatê-los.

E nós ficamos a olhar, com a consciência de termos cumprido a nossa missão. — E o resto?

Porventura pensarão que a Tipografia trabalha gratuitamente para nós?

Francamente, assim não!
(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

10.º Congresso de Lausana

No rumo do que tem vindo a acontecer nos últimos anos, efectuar-se-á no ano corrente, nos dias 13, 14, 15 de Abril o Congresso de Lausana (o décimo), do Office International des Oeuvres de Formation Civique et d'Action Culturelle selon le Droit Naturel et Chrétien, com sede em Paris.

O certame funcionará no Palais de Beaulieu em Lausana, submetendo-se, a temática dos trabalhos, a «Pluralisme et Unité». Trata-se do maior Congresso Católico mundial de forças contra-revolucionárias que este ano terá a participação de 4 mil pessoas de 30 países.

Das actividades do Congresso constam vários *Stands* e *Foruns*.

O programa de trabalhos no sábado, dia 13, inclui a alocução de Amédée d'Andigné, Delegado Geral do Office International, que procederá assim à abertura desta magna reunião verdadeiramente dimensionada a nível mundial. Louis Dauajarques abordará «Le Pluralisme en Question»; Michel de Penfentenyo fará uma comunicação sujeita ao tema «Bilan d'une année» e Arnaud de Lassus, «Pluralisme et unité du phénomène révolutionnaire».

No domingo, 14, Marcel Clément versará «Omnia Instaurare in Christo» em sessão a que val presidir o dr. Luís Arnaut Pombeiro (Portugal). As 20.30 horas, Gustave Thibon há-de falar sobre «L'Unité. A quel Prix?». No último dia do Con-

gresso, no dia 15 portanto, depois das habituais visitas a stands, de foruns e recontros, Yvonne Flour apresenta uma comunicação que tratará de «Regionalisme et Unité Nationale», a que se seguirá a conferência de Jean Cusset, Presidente do Office International, trabalho, como sempre aguardado com todo o interesse que trata de «Unité D'action dans la diversité des formules».

Espera-se que a delegação portuguesa ao Congresso de Lausana, em constante aumento de ano para ano, inclua agora o número mais significativo de sempre. As inscrições serão recebidas na sede do Circulo de Estudos Sociais Vector, à Rua Cidade Nova Lisboa, 9 — Lisboa-6.

Grupo "Amigos de Vila Viçosa"

No nosso número de 22 de Dezembro passado, noticiámos a oferta de 20 marcos que um calipolense a trabalhar na Alemanha nos enviou, pa-

ra, uma vez convertidos em escudos, sem revelarmos o seu nome, entregarmos ao Grupo «Amigos de Vila Viçosa».

A propósito, recebemos daquele prestimoso Grupo a carta que, gostosamente, a seguir transcrevemos:

Pedia a V. Ex.ª, o favor de transmitir ao Ex.ª "Calipolense" que por intermédio do vosso conceituado semanário enviou um subsídio destinado a este Grupo o profundo reconhecimento e agradecimento.

Peço ainda a V. Ex.ª o favor de lhe comunicar que gostaríamos de conhecer a sua identidade, para ficarmos a conhecer perfeitamente o seu «eu», pois o valor do subsídio nada consta perante a atitude tomada, que para este Grupo muito conta e calou até porque é inédita na vida do Grupo.

Diga-lhe se faz favor que tínhamos muito gosto em conhecer a sua identidade.

Ex.ª a atenção

Agradeço antecipadamente a V. Ex.ª a atenção e entretanto receba os meus respeitosos cumprimentos.

Vila Viçosa, 8 de Janeiro de 1974

A bem de Vila Viçosa
O Presidente do G. A. V. V.

Regível

Títulos

As épocas de decadência caracterizam-se por uma tão excessiva distribuição de títulos que estes, por inflacionados, deixam de ser símbolos de nobilitação, para se volverem em sinais de opróbrio.

A primeira inflação chegou-nos com o advento do liberalismo. Herculano zurziu-a desapiedadamente. Antes, escreveu o solitário de Vale de Lobos, penduravam-se os ladrões nas cruzes. Agora, acrescentou, penduram-se as cruzes nos ladrões.

A segunda ocorreu nos últimos dias do regime monárquico. Foi então que se tornou proverbial o dito: foge, cão, que te fazem barão. Mas, para onde, se me fazem conde?

Oxalá que o panorama não venha repetir-se. É que parece haver prenúncios...

«A PALAVRA»

Onda que rodopias...

*Onda desinquieta
que vais e vens
que és tudo, e és nada*

*Conta-me o que vês,
quando assustada pelo mar,
vais ter à praia,
e a banhas com os teus braços?*

Diz-me das belezas que tua espuma constrói...

*Fala-me dos navios que vês,
e das gaivotas que te beijam,
e sofregamente te navegam.*

*E deixa-me assim,
extasiada,
rever-te novamente*

MARIA JOÃO

Novo Notário em Vila Viçosa

Foi nomeado notário do concelho de Vila Viçosa, o sr. dr. José Dias Moura Semedo, a quem apresentamos os nossos melhores cumprimentos, desejando-lhe que na «Vila Museu» obtenha as maiores felicidades pessoais e profissionais.

FAZEM ANOS:

Em 17 de Fevereiro:
António Manuel Prates Castro
Maria Joana Rosado Neves
Dr.ª Maria da Luz Gutteres

Em 18 de Fevereiro:
Carlos Augusto de Magalhães
Francisco José Neves

Em 19 de Fevereiro:
Domingos António Simões Pina
Dulce Lima Ferreira Quintas
Maria José Silvério
Paulo António Gomes Saúde

Em 20 de Fevereiro:
Maria José Sedas Franco Passos
Maria da Luz Pinto Borrego
Maria Manuela Jorge Ventura

Em 21 de Fevereiro:
Carlos Alberto Pina Fradique

Em 22 de Fevereiro:
Ana Cristina Cabaço Palma
Maria Clara Cabaço Palma
Maria Flomena Mangualde da Saúde

Em 23 de Fevereiro:
Ana Amélia Pereira Zita
Ana Isabel Rosado Fontes de Deus
João Joaquim Gonçalves

GENTE NOVA

Em Évora, na maternidade do Hospital da Misericórdia, deu à luz um menino a sr.ª D. Maria José Godinho de Paiva Ventura Trindade, esposa do nosso amigo sr. Joaquim Lourenço Ventura Trindade, funcionário superior do Caia, Companhia Alentejana de Indústrias Alimentares, S. A. R. L., de Campo Maior.

Ao ditoso casal, que vê assim aumentada a sua numerosa prole, as nossas felicitações.

Tordo sueco morto em Vila Viçosa

Numa caçada aos tordos recentemente realizada próximo de Pardais, foi abatido um tordo portador duma anilha com os seguintes elementos de identificação:

4100995 — Riksmuseum — Stoc-kholm.

Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

Do Delegado da F. N. A. T. no Distrito de Évora recebemos um interessante opúsculo intitulado «Turismo Social», com o programa 1974 daquele Organismo, no total de 208 excursões, muitas das quais ao estrangeiro.

Agradecemos.

Atenção componentes do famoso CD

O Burguete escreveu...

Atenção malta amiga dos grupos C e D, da inolvidável deslocação a Angola, no final do Verão de 1973.

O nosso camarada e amigo Meira Burguete (O Borgesso das barbichas), escreveu-nos. E que disse ele? — Que se tivéssemos coragem, que publicaríamos a sua carta... Como ele é ingénio! Atão na querem lá ver que o marmanjo queria criados hein!

Mas, porque não somos de todo amigos da onça, vamos lá dizer que ele perguntava pelos: Cónego Urbano Duarte, Rui Osório, Vítor Lopes, Jaleco, Cardoso de Sousa, Barros, Vazão e, tantos outros. Diz que tem saudades e um livro publicado (ou a publicar) sobre a nossa viagem. Diz mais, que seria giro juntarmo-nos todos, num almoço (mas não paga), algures, confraternizando e trocando impressões. Aqui fica o aviso. Esperamos adesões, sugestões e coisas mais.

Pela nossa parte, só a prova de que não tivemos medo, nem fomos a pontos de ser tão cómodos que não lhe provocássemos o incómodo de o pôr na berlinda. É só escreverem para Meira Burguete — Rio Maior. O resto é com ele. E, morra quem se negue.

MAPONE

NOTA: Acabo de receber um postal do Poças, vê-se mesmo que escrito muito à pressa, a dizer que tinha juntado na véspera, em Leiria, com os Amigos P.º Victor Lopes e Júlio Rodrigues, e mais, que estes concordam e dão casa em Lisboa.

Parabéns, Burguete, que a coisa está a andar! Eu daqui levarei umas garrafas (poucas porque está muito caro e pode fazer-nos mal) do bom de Borba. — G. J.

De vez em quando

Há dias encontrei aqui na Praça do Geraldo um amigo meu, bom rapaz, que goza geralmente de boa disposição.

Este meu amigo casou-se há poucos meses com uma jóia de rapariga, também minha conhecida.

—Então, amigo André, não há quem te veja! disse eu.

—São já tarde do meu emprego, sabe?!

—Depois, vou à Sociedade e pouco venho para estes sítios.

—Como está tua esposa?

—Minha mulher está bem, muito obrigado.

—São felizes? Perguntei eu ainda.

—Muito, meu amigo. Adoramo-nos!

—Porém, entre nós, só tem havido um pequeno problema, sabe?

—Não, eu não sei. Então que problema é, pode saber-se?

—Minha mulher não se deita antes das quatro ou mesmo cinco horas da madrugada...

—E isso incomoda-me, sabe?

Então adeus andré, disse eu, (entre marido e mulher...) e segui o meu caminho, isto porque entendi não dever aprofundar este pequeno queixume do meu recém-casado amigo.

Passaram-se umas semanas e certa tarde, quando saía do Palácio da Justiça, encontro Luiza, a mulher do meu amigo André.

—Como está Luiza?

—Bem obrigado! E o sr. como está?

—Ótimo! — sabe, Luiza, há dias, encontrei o seu marido, que está muito feliz, que me disse que vocês se adoram, mas que me confidenciou que anda muito preocupado porque a Luiza se deita muito tarde;

disse-me o André que a Luiza dorme muito pouco pois nunca vai para a cama antes das quatro ou cinco da madrugada...

—Porque não passa a minha amiga a deitar-se mais cedo?

—Demais a mais esse facto preocupa tanto o André...

Responde a Luiza, sem demora: — Sabe?! — Desde que casei adquiri o hábito de me não deitar sem que o André esteja em casa...

—A essa hora, que faço?

—Simplesmente isto: — Espero que o meu marido entre em nossa casa...

BENTO ROSADO

Preço de assinaturas

(Trimestre - 13 números)

VIA NORMAL:	
Portugal, Brasil e Espanha	30\$00
Estrangeiro	50\$00
VIA AÉREA:	
Ilhas adjacentes	50\$00
Ultramar e estrangeiro	100\$00

Bombeiros Voluntários soldados da paz ao serviço de todos

DESPORTOS

Campeonato Nacional da Terceira Divisão

Derrota que não deslustra

Bombarralense, 2 - Calipolense, 1

Ainda não foi desta que os rapazes de Vila Viçosa conseguiram a série de resultados adversos que ultimamente vêm acumulando.

Não assistimos ao encontro, mas, por informações fidedignas, parece que a rapaziada de Vila Viçosa se portou dignamente, principalmente no segundo tempo e isto depois de ter terminado o primeiro a perder por 2-0.

No segundo tempo, não obstante a desvantagem, dando provas de ânimo forte, obteve o seu golo, parece que por sinal um golão, podendo ter ido mais além.

De qualquer maneira, a derrota não envergonha pois o Bombarralense vai unicamente a três pontos do guia e dentro dos seis primeiros lugares, o que não obstou a que se tivesse visto nas amarelas para segurar a magra vantagem. E isto porque a segunda parte vestiu completamente de azul.

No foi desta que a sorte nos bafejou, mas ou nos enganamos muito ou é já na próxima jornada, contra «O Elvas», que a equipa de Vila Viçosa reanima.

A equipa de Vila Viçosa alinhou: Talhinhas; Trindade, Calisto, Patção e Serrador; Nelo, Parraça e José Luís; Franco, Luís e Marta. Jogaram, também, Elias e Rafael.

Nelo foi o autor do golo do Calipolense.

NOTA A MARGEM: Parece que o nosso artigo do número anterior não caiu muito no agrado da direcção do Calipolense. Ora, nós tivemos o cuidado de frizar que ali não se pretendia atingir ninguém, mas unicamente ter-se deixado perder aos poucos, algum trabalho que tanto custara a alguns.

Cometemos sim, um lapso quando tocar no facto de não termos acertado o lugar de presidente, não

frizarmos, porque seria justo tê-lo feito, que não teríamos qualquer relutância em trabalharmos com os elementos que fazem parte da Direcção. Não há dúvida que um presidente tem sempre o direito de escolher os seus colaboradores, mas as pessoas que pertencem à Direcção do Calipolense não estão em causa, porque merecem a nossa consideração.

Mas, uma coisa é certa: crítica é crítica e pretender interferir nela, principalmente quando se estão a dizer verdades, constitui um abuso, pois pretende limitar-se a acção do crítico. A nós, isso não nos interessa, porque não admitimos de maneira alguma que alguém pretenda interferir ou intimidar a nossa tarefa. Para isso seria preferível abandoná-la e nunca foi nosso hábito desistir. Para que conste!

Dádivas para o autocarro do "CALIPOLENSE"

"Clube Desportivo de Vila Viçosa"

Transporte, 170 278\$80; Amigos do Calipolense, 250\$00; Bárbara Eliza Pereira, 50\$00; José Pereira Rosado Ventura (Angola), 50\$00; Joaquim António Calado Roque, 100\$00; Amigos do Autocarro (S. L. Oliveira), 600\$00; Raúl Augusto Marcão, 100\$; Amigos do Autocarro (Póvoa), 700\$; Amigos do Calipolense, 435\$00; Joaquim António Carola (O Paulista), 100\$00; João António Lopes Cesário, 120\$00; Augusto António Galvão, 100\$00; Restaurante Regional de Vila Franca, 50\$00; Juros do capital depositado C. G. D., 1040\$00; Comissão do Agente no seguro do autocarro, 1000\$00; A transportar, 174 973\$80.

Autocarro - Despesas até 9-2-74

Custo do autocarro, 178 394\$80; Seguro do autocarro, 11 482\$40; Despesas com a ida a Bobadela buscar o autocarro, 345\$00; Despesas com a ida a Moscavide negociar o autocarro, 481\$00; Selos de correio, 150\$00; A Comercial do Alentejo, Lda., 257\$00; Gráfica Calipolense, 1310\$00; Soma, 192 420\$20; Recebimentos 174 973\$80; Faltam, 17 446\$40.

Falecimento

Faleceu no passado dia 9, na sua residência, em Vila Viçosa, o sr. Joaquim José Tapadas, de 73 anos de idade, natural de Cidades, que deixa viúva a sr.ª D. Gertrudes Gonçalves Pardaleiro.

Era pai das meninas Fernanda e Maria Teresa Pardaleiro Tapadas.

Tertúlia

"Festa Brava"

No prosseguimento do seu Ciclo Internacional de Conferências, a Tertúlia «Festa Brava» realizou na sua sede, na Praça da Alegria, 38-cave, em Lisboa, mais duas conferências, seguidas de colóquio entre os conferencistas e a assistência.

A primeira, no passado dia 8, foi proferida pelo discutido crítico tau-rino espanhol D. Alfonso Navalón que abordou o tema «El toro del 9 y sus consecuencias». A segunda, no dia 11, esteve a cargo do conhecido ganadero espanhol D. Victorino Martín, que falou sobre o tema «Soy ganadero pensando em el publico».

Agradecemos o convite que amavelmente nos foi dirigido.

Gabriel Jaleco

SOLICITADOR ENCARTADO

Rua João de Deus, 66-1.º

ÉVORA

Telefones: { Escrit.: 2 41 51
Resid.: 2 47 46

HORÁRIO DA REDACÇÃO DE «O CALIPOLENSE»

De 2.º a 6.º febra:
Das 9 h. e 30 m. às 13 horas e das 14 h. e 30 m. às 18 h. e 30 m.
Aos Sábados:
Das 9 h. e 30 m. às 13 horas.

Testemunhos irrefutáveis de idoneidade comprovada mostram Portugal africano à luz da verdade e da razão

(CONTINUADO DA ULT. PAG.)

«Alguns — acentua o jornalista — acolheram este voto como uma grande vitória. A mim, parece-me que, seja qual for a excelência de um veredicto, não podemos dar-lhe demasiado valor, quando ele ofende simultaneamente o direito internacional e o simples bom senso político».

Guido Olivieri, colunista habitual do «24 Heures» e especialista em assuntos ligados à política internacional, escreve mais adiante:

«No plano jurídico, com efeito, Portugal foi admitido nas Nações Unidas, na sua totalidade, numa época em que, verdade seja dita, nenhum movimento de libertação operava nas suas terras africanas. Portanto, do ponto de vista estritamente legal, o último voto do Palácio de Vidro constitui, incontestavelmente, uma ingerência nos assuntos internos de Portugal».

«Vendo as coisas por um prisma psicológico — acrescenta Guido Olivieri — a acção da ONU parece singularmente partidária e orientada, unilateralmente, contra alguns países — Portugal e África do Sul — enquanto ninguém pensou, jamais, em pedir a retirada dos tanques soviéticos de Praga, situação, no entanto, que contradiz nitidamente a letra e o espírito da Carta. Da mesma forma que Pequim foi admitida nas Nações Unidas, sem que se pensasse, por um momento sequer, em debater a sua política no Tibete — qual, aliás, Chu-En-Lai modificou nos últimos tempos».

Depois de observar, com ironia, que as «Instâncias internacionais querem ser sempre mais papistas do que o Papa», e de lembrar que, pelo menos até agora, a acção internacional contra a África Branca não passou do estágio das palavras, Guido Olivieri, escreve, a concluir:

«É bastante lamentável, num mundo que se diz civilizado e em pleno progresso, ver-se um regresso aos aspectos mais odiosos do hitlerismo».

Para Portugal, o Ultramar é uma parte indissociável da sua História

Por seu turno, na Associação para a Defesa da História, em Viena de Austria, o jornalista M. Feigl, sócio daquela instituição que fez uma longa exposição sobre a presença portuguesa na África, proclamou: «Portugal constitui um exemplo e sairá vitorioso».

«Para Portugal, essa presença — disse — é absolutamente natural. Os portugueses mostram-se surpreendentemente seguros de si próprios, pois nada os acusa na consciência e não se sentem colonialistas».

O jornalista austríaco, que havia historiado pormenorizadamente os descobrimentos marítimos portugueses, afirmou, também:

«Para Portugal o Ultramar é uma parte indissociável da sua História, um pedaço de si próprio, uma região do mundo onde deixou para sempre a sua marca, como em Dju, para citar só um exemplo».

Ocupando-se de vários aspectos actuais da expansão ultramarina portuguesa e da campanha internacional contra ela movida, assinalou o conferencista os êxitos alcançados na promoção cultural das populações e, detendo-se na análise ao caso da Guiné e da luta ali em curso contra o terrorismo, declarou:

«O que está em jogo nos ataques dos guerrilheiros à Guiné Portugue-

sa não é verdadeiramente aquela Província, mas sim o vizinho Arquipélago de Cabo Verde, que ocupa uma posição chave na rota marítima do «Atlântico Sul».

A chacina de Nhacambo libertação pelo assassinio

Para terminar esta resenha de testemunhos intocáveis recordemos o artigo publicado no matutino «Notícias» de Lourenço Marques por John Osman, director dos Serviços da BBC na África Austral, sobre a chacina de Nhacambo, o qual começa por afirmar:

«Todas as provas que consegui recolher em vinte e quatro horas parecem confirmar que a FRELIMO deliberada e friamente decidiu chacinar os habitantes de Nhacambo».

«Quando sobrevoamos Nhacambo, — relata mais adiante — o cheiro das ruínas calcinadas ainda pairava no ar, e nós notámo-lo mesmo antes

de termos aterrado. Por baixo de nós dezenas de palhotas não tinham cobertura e a escola era um monção de destroços — tudo incendiado por atacantes que afirmam estar a libertar os próprios aldeões que viviam em Nhacambo e em milhares de outras aldeias semelhantes».

«Na própria aldeia — prossegue — vêem-se, por toda a parte, cápsulas de munições disparadas — cápsulas «FN» de balas disparadas pelos defensores, e munições russas «Kalashnikov» e «Simonov» utilizadas pelos atacantes. Os mortos foram sepultados, mas o cadáver de um cão apodrecia ao sol».

A encerrar o artigo, John Osman cita o testemunho do delegado da Cruz Vermelha Portuguesa em Tete, eng.º Pires de Carvalho, que considerou o acto como um deliberado assassinio em massa, e do administrador de Tete, Fernando Leite, que disse ter sido «a coisa mais brutal» que já viu até hoje.

A Promoção Social no Turismo

(CONTINUADO DA ULT. PAG.)

les que lhes são confiados e nem sempre são trabalhadores, mas, sim, funcionários bem pagos, que poderiam transitar, pelos vencimentos que auferem por centros turísticos explorados para endinheirados, em vez de enfileirarem em colónias colectivas, para descansar 15 ou 20 dias, numa inactividade de engorda e dormir, de mistura com umas excursões aqui e acolá, pagas e oferecidas, de que tiram o melhor partido os organizadores e dirigentes, dessas instituições de Providência ou Promoção Social!?!...

Outrossim, em Portugal, já era tempo de se fundir a F. N. A. T. com a I. O. S., sob um estatuto próprio que abrangesse todos os trabalhadores de Portugal, quer fossem civis ou militares! Unificar, parecemos o termo próprio. Vejamos o que sucede com estas Instituições. Uma

explora várias colónias de férias e uma agência de viagens, em promoção social. A outra, seguindo na esteira da primeira, adquiriu as termas de Manteigas, ripostando à aquisição da F. N. A. T., com as termas de Entre-os-Rios, S. Pedro do Sul, Foz do Arelho, Albufeira, onde ambas se mantêm vis-à-vis, uma com a outra, cedendo a segunda o refeitório, e explorando os pavilhões, só para aqueles que às vezes, aproveitam, a gozar 15 ou 20 dias pela I. O. S. e depois outros pela F.N.A.T.

Esta baralhada, baralha-nos a todos, quando se afirma que a desorganização está cada vez mais bem organizada!?! Julgo que o termo se confunde, dado que, por exemplo no intercâmbio com a Espanha, se sai de Lisboa, com almoço jantar e pequeno almoço pago. Depois por lá, sempre que surge uma excursão organizada no seio da Colónia de Fé-

Alojava Portugueses em pardieiros

300 Francos de Multa

Acusado de alojar trabalhadores portugueses em condições lamentáveis, um proprietário de Luxemburgo, foi condenado a 8 multas de 500 frs. e ao pagamento de mais 300 frs.

O proprietário era acusado de ter transgredido o artigo 10 do regulamento «communal» da cidade de Luxemburgo, de 25-10-1965; de pôr à disposição dos trabalhadores estrangeiros habitações colectivas sem fazer a devida declaração do «bourgmestre» «communal», pelo menos, um mês antes de ocuparem os locais; de pôr à disposição dos mesmos habitações que não tinham a altura mínima de 2,5 m; de alugar habitações sem que as paredes interiores e os tectos fossem pintados de claro e laváveis.

Os locais eram ainda insuficientemente iluminados por janelas que

medissem pelo menos 1,5 m da superfície do pavimento e o aquecimento insuficiente.

Enfim, cada operário não dispunha duma cama individual nem dum armário. Nenhum deles tinha um lugar especial destinado à secagem das roupas molhadas, nem duma cadeira individual, nem de espaço suficiente para se sentar a uma mesa.

No julgamento, o juiz do tribunal pronunciou contra o proprietário uma interdição de alugar para fins de habitação.

in «Luxemburger Wort»
«O Emigrante»

João de Figueiredo

Tem estado doente o nosso amigo e distinto colaborador sr. João da Fonseca Accioaloli da Silva Figueiredo, ilustre solicitador encartado em Vila Viçosa e professor da Escola Secundária desta Vila.

Cumprimentamo-lo, com votos de que depressa retome a vida normal completamente restabelecido.

Prevenção Rodoviária Portuguesa

Da Prevenção Rodoviária Portuguesa recebemos alguns exemplares dum curioso autocolante destinado a proteger os selos comprovativos do pagamento do imposto sobre automóveis, contendo impressa uma mensagem de segurança rodoviária.

Agradecemos a atenção.

Dr. Gabriel George Osório de Barros

Pelo subsecretário de Estado da Segurança Social foi há dias recebido o sr. dr. Gabriel George Osório de Barros, director da Secção D. Maria Pia, da Casa Pia de Lisboa.

Prédios Vendem-se em Vila Viçosa

Situados em:
Rua Gomes Jardim, n.º 59 a 65.

Rua dr. Oliveira Salazar, 59; Avenida Duques de Bragança, 23 a 27;

Rua Combatentes da Grande Guerra, 55; e Largo Mousinho de Albuquerque, 22.

Vendem-se também os seguintes olivais:

- 1.º — Álamo
- 2.º — Adorna
- 3.º — Vale das Pêgas
- 4.º — Adorna.

Recebe propostas, até 23 do corrente:

Prof. Vasco Amaral BORBA — Informações: Telefone 9 44 35 — BORBA.

Página 3 — «O CALIPOLENSE»

Coluna dos leitores

Escreva-nos que nós respondemos

INFORMANDO...

Acabam de nos liquidar a sua assinatura:

Francisco Grilo Fevereiro — Estremoz: Até ao n.º 70;

D. Leonor Silveira — Lisboa: Até ao n.º 42;

Joaquim José Sial da Silva — Feijó: Até ao n.º 40;

José Augusto Sebastião — Barreiro: Até ao n.º 53;

Dr. Desidério Nunes Correia — Lisboa: Até ao n.º 70;

Joaquim Segurado Canhoto — Cuba: Até ao n.º 59;

Serafim de Jesus Mourão — Santarém: Até ao n.º 77; e

Diamantino Carvalho de Castro — Lisboa: Até ao fim do ano de 1974.

RESPONDENDO...

DR. DESIDÉRIO NUNES CORREIA, Lisboa — Pelo correio remetemos-lhe a tabela de publicidade que nos pediu. Quanto ao endereço, procedemos à rectificação, agradecendo-lhe o favor de nos dizer se não for correcto. Pelo lapso verificado, apresentamos as nossas desculpas.

JOAQUIM JOSÉ SIAL DA SILVA, Feijó — De nada tem que nos pedir desculpa, caro amigo. Nós é que lhe estamos agradecidos.

CAPITÃO JOAQUIM ANTÓNIO CALADO ROQUE, Trafaria — Muito obrigado pelos 100\$00 para o autocarro, que já remetemos ao Clube. A sua assinatura está paga até ao n.º 53. Pela sua colaboração, aliás preciosa, renovamos os nossos agradecimentos. Quanto à prometida vi-

sita, aguardamo-la ansiosamente, mas pedimo-lhe o favor de nos prevenir, pois queremos ter pessoalmente o prazer de o receber nesta sua casa.

FRANCISCO GRILO FEVEREIRO, Estremoz — Muito obrigado pelas palavras amigas que teve a gentileza de nos dirigir.

DIAMANTINO CARVALHO DE CASTRO, Lisboa — O nosso agente senhor João António Filipe entregou-nos dinheiro por duas vezes, com que considerámos a sua assinatura liquidada até ao fim do ano corrente. Tendo havido uma certa confusão, ficar-lhe-emos muito gratos se, no caso de existir, nos indicar qualquer lapso que modifique as coisas.

A todos, cumprimos com amizade.

Testemunhos irrefutáveis de idoneidade comprovada mostram Portugal africano à luz da verdade e da razão

NOTA DA SEMANA

Bastardos porquê?

O leitor desprevenido ficará decerto espantado quando ler que a Imprensa Não-Diária tem uma tiragem em média diária muito superior à da chamada «grande Imprensa». É surpreendentemente verdade, e mais expressivo ainda porque, temos de convir, o semanário e outros quejandos, quando não se colecionam, pelo menos, guardam-se até ao próximo, e entretanto lêem-se de fio a pavio; enquanto que os diários ficam quase sempre pelos títulos, excluídos, por exemplo, alguns «artigos de fundo» para os intelectuais, e a secção desportiva para os pouco desportistas, que os outros, como os políticos, preferem as publicações não-diárias da especialidade.

Vem isto a propósito de os jornalistas da imprensa diária poderem abastecer os seus automóveis de combustível, com prioridade, nas bombas de reserva e aos sábados e aos domingos, do mesmo que beneficiam de descontos especiais, como por exemplo nos TAP, prerrogativas, entre outras, que aos jornalistas da imprensa não-diária ainda não foram concedidas. No entanto, muitos serviços públicos e grandes companhias, conscientes da força dos jornais não-diários, não se privam de lhes mandarem artigos escritos, que aqueles publicam como sendo de sua redacção, beneficiando-os de divulgação e publicidade não pagas e nunca regateadas. E se a um sábado ou num domingo algo de importante acontece, como a visita de um membro do Governo, e o jornal não se faz representar, logo começam as malquerenças, sem ninguém pensar que o automóvel do jornalista da imprensa não-diária também tem motor que só trabalha com gasolina ou gasóleo.

Situações para que não se cansa de buscar solução o Grémio Nacional da Imprensa Não-Diária — actualmente com uma direcção que todos os dias trabalha preocupadamente na defesa da classe que representa —. Enquanto nós confiamos que o Governo da Nação e as grandes companhias, como os TAP, que da nossa imprensa têm recebido sempre preciosa como sã e desinteressada colaboração, atendam, depressa como convém, estas justas reivindicações da nossa família quiçá de bastardos. Mas... bastardos porquê?

Imprensa Regional

(CONTINUADO DA PÁGINA UM)

O Distrito de Beja, é dos mais pobres do País em Jornais, e mesmo aos poucos que existem não lhes é facilitada a existência, antes pelo contrário.

A cidade de Beja e o seu distrito deviam dar mais carinho aos poucos jornais existentes para que eles, possam continuar a divulgar as belezas desta vasta região ainda muito desconhecida pelo País fora, pois que estes jornais chegam com facilidade a todos os pontos do País onde há alentejanos sequiosos de saber notícias das suas terras e dos seus contrâneos.

No caso presente, este Jornal continua a ser ignorado pelas Câmaras Municipais, Secretarias Judiciais e Notariais, Grémios, etc., pois que estas lhe continuam a negar a publicidade dos seus Editais que habitualmente têm de divulgar.

No entanto, não temos sido esquecidos pelo R. I. 3 e P. S. P. para publicação gratuita dos seus Editais, pois se trata de serviço de interesse público.

O nosso bairrismo, a nossa carolice, o nosso Amor à Causa, tem vin-

do a resistir a toda essa negação, gastando graciosamente o nosso melhor labor, e consumindo muitas horas do nosso precioso descanso.

Nesta hora de grande dificuldade, aqui fica mais um sinal de alarme destinado a despertar consciências.

Que o seu Eco encontre boas vontades!

«Jornal do Sul»

Oh mundo!

(CONTINUADO DA PÁGINA UM)

É para este horizonte sublime que apelamos, porque é nele que deve estar a salvação ou a restauração da grave epidemia da incompreensão humana que está grassando no mundo.

É para ele que apelamos e chamamos a Juventude esperançosa, os homens de amanhã, mas (notar bem) só aquela Juventude séria e honesta, aquela Juventude que pela sua postura e idoneidade comprovada em todos os actos da sua vida privada e oficial, seja di-

Desde que nos foi imposta uma guerra que não desejamos, mas a cujas responsabilidades nunca nos eximimos, arrostando, embora, com todos os sacrifícios que daí são decorrentes, o nome de Portugal passou a andar nas bocas do Mundo por forma, até então, pouco costumada.

E se aqui ou ali as nossas razões e a posição assumida eram encaradas pelo seu justo valor e na integração de coordenadas lógicas e ineludíveis, a verdade é que a maior parte das vezes as referências ao nosso País enfermam duma ignorância ou duma malquerença que só uma óptica deformada, uma cegueira voluntária ou os invios designios de inconfessadas pretensões podem justificar.

Pouco a pouco, porém, a verdade tem sido evidenciada, a justiça de atitudes tem sido compreendida, o valor e significado dos sacrifícios têm sido apreciados, e o tom e o número das vozes onde ecoa o nome de Portugal têm sofrido profundas modificações.

Hans Ostelius — considerado como «o último grande» «globetrotter» sueco — descreve Portugal, onde habita há alguns anos, como a «terra dos meus sonhos», e insurge-se energicamente contra aqueles que, no seu país, criticam a política ultramarina portuguesa.

«O mundo devia aprender com a política ultramarina portuguesa» afirma o escritor sueco ao jornal «Aftonbladet» que publica aquela frase em título a seis colunas, numa

extensa entrevista, ilustrada com uma larga série de gravuras coloridas de grande formato, e em que acrescenta: «O que é que eles querem? Se a Inglaterra e a França tivessem praticado a mesma política ultramarina que Portugal todo o mundo estaria hoje muito melhor».

Por outro lado Harold Martin, enviado especial da UPI na recente visita do ministro português do Ultramar, dr. Rebelo de Sousa, a Angola e a Moçambique, encima uma crónica sobre o vasto empreendimento do Cunene, em Angola com o expressivo título «Transformar pastores em proprietários agrícolas».

A importância do empreendimento — que modificará a vida das populações do sul de Angola e a zona setentrional do Sudoeste Africano», segundo o jornalista — é realçada pela enumeração detalhada dos diversos sectores que abrange, nomeadamente, a produção de energia, o regadio, a reconversão agrícola e pecuária e a consequente renovação dos agregados populacionais.

Uma decisão que ofende o direito internacional e o simples bom senso

«A decisão da ONU ofende simultaneamente o direito internacional e o simples bom senso político» — escreve o jornalista Guido Olivieri, no «24 Heures», de Lausana, ao referir-se à recente votação de Assembleia Geral das Nações Unidas, que negou a Portugal o direito de representar naquela organização os seus territórios africanos.

(CONTINUA NA PÁGINA TRÊS)

(CONTINUA NA PÁGINA TRÊS)

A promoção Social no Turismo e férias para trabalhadores!...

Há dezoito anos, reproduzimos num opúsculo, algo passado «Por terras de Espanha», num intercâmbio de trabalhadores com a Espanha publicado em dois jornais da Península Ibérica!

Voltamos à Espanha que, a exemplo de Portugal e outras nações, avança num explosivo desenvolvimento em todos os sectores das actividades humanas, a ponto de o classificarmos no presente, de avanço ilimitado, para povos que não estavam qualificados para ombrear com tamanho poder de compra e determinação inflacionista!?!...

O operário, por lá e por cá, ganha o que pode, em casa do patrão e nas suas horas de folga. Dispõe de protecção que em geração alguma se registou!... Os possuidores de alguns haveres, mormente no campo agrícola, quedam-se perante os encargos, olhando para as suas propriedades, sem braços ou mecanismos que os façam brotar aquilo que podem dar. Ao invés, o antigo agricultor, procura as indústrias, comércio ou construção, na mira de ganhar mais para comer e gastar melhor, sem se importar, quem irá cavar para o alimentar no dia de amanhã!?!...

Esta gravíssima situação, merece ser olhada de frente encaminhando os braços para a sobrevivência humana no campo alimentar Interessar a mocidade pela vida do campo, é o

mesmo que, em tempos idos, se divulgava rumo ao mar, na procura dos peixes!...

E, volvidos estes anos do pretérito, observamos que as Instituições de Previdência em Portugal, tal como na Espanha, se transformaram numa espécie de empresas, com quadros próprios de funcionários, de hierarquias variadas e regularmente pagas, que olham por cima, sobre aque-

O Velho Poço

Quase à beira da estrada poeirenta
O poço velho lembra vagamente
Na meia luz cinzenta
A hora do poente
Uma sombra esquecida na planura
E a própria relva que cresceu em volta
Tão triste tão mirrada sem frescura
Junto do muro abaixo em pedra solta
Acentua ainda mais essa tristeza
Como se funda mágoa
Enchesse a natureza
Porque secou, no poço, o veio de água

Um pedaço de corda balouçando
De uma velha roldana ferrugenta
Fá-la ainda gemer de quando em quando
Como quem chora ainda, e se lamenta
Porque desde que o balde foi levado
Onde a água subia
A corda faz pensar
Num vulto de enforcado
Que num último espasmo de agonia
Ali tivesse estado a baloiçar

Mas naquela tristeza desolada
Vê-se ainda no, poço lá no fundo
Brilhar na sombra escura
Um resto de água, fétida parada
Um pobre charco imundo
Com um brilho ilusório de frescura

Feliciano Raúl Gonçalves Quintas

Évora, Fevereiro de 1974